

---

# Enigmas e mitos da industrialização soviética (II)

Valentine Katassonov

## IV

### O mito das exportações de trigo e as estatísticas

Existe o mito entranhado de que a industrialização foi efectuada à custa da exportação forçada de cereais. Afirma-se que foi feita à custa do campesinato que cultivava trigo, primeiro em explorações individuais e depois nos *kolkhozes*. O Estado destinava esse trigo à exportação convertendo-o em divisas. Supostamente foi nesta base que ocorreu o «*holodomor*», cuja culpa é hoje atribuída a Stáline.

Começaremos por notar que quando se iniciou a industrialização, o grosso das exportações soviéticas assentava já na produção industrial. Isto pode ser verificado no quadro V.

**Quadro 5. Peso da produção agrícola e industrial nas exportações da URSS (%)**

Ano	Produção industrial	Produção agrícola
1924	37,1	62,9
1925	44,2	55,6
1926	40,8	59,6
1927	42,8	57,2
1928	54	46
1929	61,2	38,8
1930	58,2	31,8
1931	57,9	42,1
1932	68,1	31,9
1933	71,2	28,8
1934	71,6	28,4
1935	73,7	22,3
1936	79,3	20,3
1937	68,3	21,7

**Fonte:** *Vinte anos de Comércio Externo da URSS (1918-1937)*, Colectânea Estatística, Mejdunarodnaia Kniga, Moscovo, 1939, pp. 13 e 15

Como podemos ver, o peso da produção agrícola nas exportações da URSS foi predominante até 1927 inclusive. Como termo de comparação note-se que no período de 1909-1913, a produção agrícola representava 70,6 por cento das exportações do império russo.

Em 1928, o peso das exportações industriais ultrapassou, pela primeira vez, o peso das exportações agrícolas. Contudo, apesar de as exportações industriais se terem tornado predominantes, não eram constituídas por produtos acabados, mas por petróleo e derivados, metais ferrosos e não ferrosos, madeira e madeiras serradas, e outros tipos de matérias-primas industriais ou produtos com baixo grau de transformação.

Nos anos da industrialização, o peso nas exportações da produção industrial de matérias-primas continuou a crescer, enquanto a parte relativa da produção agrícola caiu. Deste modo mesmo a mais grosseira estatística mostra que a industrialização não podia ser custeada unicamente através da exportação de trigo.

### **As estatísticas das exportações de trigo da URSS**

Examinemos agora em pormenor as estatísticas das exportações de trigo da URSS (Quadro VI).

**Quadro 6. Exportações de trigo da URSS**

<b>Ano</b>	Exportações de trigo ( <i>milhares de toneladas</i> )	Exportações de trigo ( <i>milhões de rublos</i> )	Peso do trigo no total de exportações da URSS (%)	Peso do trigo no total de exportações agrícolas da URSS (%)	Preço médio do trigo rublos/tonelada
1924	2596	613,7	37,7	60	236,4
1925	569	208,1	8,5	15,2	365,6
1926	2017	671,1	22,6	37,8	332,7
1927	2099	842	24,6	42,2	401,1
1928	289	114,7	3,4	7,3	396,9
1929	178	43,9	1,1	2,8	246,6
1930	4765	882,4	19,4	46,4	185,1
1931	5057	658,9	18,5	43,9	130,3
1932	1728	228,1	9,1	28,4	131,9
1933	1686	176,9	8,2	28,4	104,9
1934	771	83,6	4,6	16	108,4
1935	1519	161,9	10,1	37,7	106,6
1936	322	35,9	2,6	13,2	111,5
1937	1272	257,6	15	47	201,1

Cálculos segundo dados publicados em *Vinte anos de Comércio Externo da URSS (1918-1937)*, Colectânea Estatística, Mejdunarodnaia Kniga, Moscovo, 1939, pp. 13 e 15

*Em primeiro lugar*, chama a atenção o facto de o trigo não ocupar um lugar demasiado grande nas exportações soviéticas. O peso máximo do trigo nas exportações *agrícolas* foi atingido nos anos de 1924, 1930, 1931 e 1937. Mas mesmo nestes anos, o nível máximo nunca chegou a 50 por cento dos produtos agrícolas exportados. Convém não esquecer que outros importantes produtos das exportações agrícolas eram a carne, a manteiga, os ovos, bagaços, gado vivo. Nalguns anos, a exportação de manteiga, por exemplo, foi superior à exportação de trigo. O peso máximo do trigo foi atingido em 1927, representando menos de um quarto do conjunto das exportações. Em vários anos, o trigo representou menos de dez por cento do total das exportações soviéticas.

*Em segundo lugar*, vemos que as exportações de trigo tiveram um comportamento muito desigual, quer em valor, quer em volume físico. Os maiores volumes foram atingidos nos anos de 1930-1931. Logo a seguir aparecem os anos de 1926-1927. Mas em termos de valor estes dois períodos são praticamente idênticos. O pico das exportações de trigo em 1930-1931 abona a favor dos esquemas habituais sobre a história da União Soviética. Mas o pico de 1926-1927 vem mais uma vez lembrar a hipótese que temos vindo a referir de que a industrialização se iniciou logo na segunda metade dos anos 20.

### **«O bloqueio do ouro» e a industrialização**

A este propósito devemos lembrar que, em meados dos anos 20, o Ocidente declarou o chamado «*bloqueio do ouro*», impedindo que a URSS exportasse este metal. Mais tarde foi imposto um bloqueio às exportações também de outras mercadorias. Só as exportações de cereais tiveram sempre luz verde. É uma situação que se assemelha aos dias de hoje quando o Ocidente coloca obstáculos à exportação de várias mercadorias russas, permitindo apenas o livre fluxo de petróleo e de gás natural. Deste modo, o pico das exportações de trigo em 1926-1927 pode em parte ser explicado com o «*bloqueio do ouro*».

O aumento das exportações de trigo em 1930-1931 decorreu no contexto da crise económica, que provocou a queda dos preços das matérias-primas nos mercados mundiais. Os cereais não foram excepção. Na época havia excesso de cereais no mercado mundial, o que produziu uma acentuada queda dos preços. Nos EUA o grão até era queimado nas fornalhas das locomotivas. Dificilmente se podia obter grandes receitas com os cereais. Em 1930, a tonelada do trigo na bolsa de Chicago caiu de 65-68 dólares para 8-12 dólares. Os nossos cálculos mostram que os preços das exportações soviéticas de cereais atingiram o máximo em 1927-1928. Depois começaram a cair.

Em 1931-1932 apenas representavam um terço do nível de 1927-1928, e em 1933-1936, um quarto. Apesar disso, a URSS continuou a manter elevados volumes físicos das exportações de trigo. À primeira vista parece uma política estranha, sobretudo se tivermos em conta que havia outras mercadorias para exportar, mesmo no grupo das mercadorias agrícolas. Porém, não se deve esquecer que nem mesmo a crise económica levou o Ocidente a abandonar a sua política de pressão sobre a União Soviética. O Ocidente manteve o bloqueio de muitas mercadorias tradicionais da URSS e incentivou apenas as exportações de trigo.

Do ponto de vista comercial esta política do Ocidente não fazia sentido. O Ocidente não precisava de trigo. Contudo tal política não tinha fins comerciais, mas sim políticos. Antes de mais visava aniquilar a União Soviética pela fome. Efectivamente, no primeiro quinquénio, a carência de produtos alimentares agravou-se no mercado interno da URSS. Foi até necessário introduzir o sistema de racionamento. Se em 1928 o peso das compras estatais de cereais representava 14,7 por cento do total das colheitas, e em 1929, 22,4 por cento, em 1930 subiu para 26,5 por cento, em 1931 para 32,4 por cento e em 1932 para 36,9 por cento. Em algumas regiões houve fome que, por um lado, se deveu às elevadas compras do Estado e, por outro lado, ao mau ano agrícola. Hoje, o «*holodomor*» na URSS é o tema preferido dos nossos inimigos. Fazem recair todas as culpas sobre o «*ditador*» Stáline. Na realidade, os promotores do «*holodomor*» foram os círculos governantes do Ocidente, que tentaram não só fazer fracassar a industrialização, mas também matar à fome o país. Nessa época até apareceram na URSS várias organizações de caridade dos EUA, alegadamente para prestar ajuda alimentar às populações famintas. Depois apurou-se que serviam de cobertura para actividades de sabotagem contra a URSS.

Entretanto, a situação nos anos 30 era complicada não só para a União Soviética, mas também para o Ocidente. Os objectivos políticos dos círculos governantes do Ocidente entraram em contradição com os interesses das empresas privadas, que procuravam por todos os meios sobreviver à prolongada crise económica. A URSS utilizou estas contradições e encontrou várias formas de contornar os bloqueios e as mais refinadas restrições. Sobre isso falaremos adiante.

Podemos pois constatar que as exportações de cereais da URSS tiveram sérios custos sociais, mas o seu papel como fonte de divisas para a industrialização foi bastante modesto.

## V

### **Sobre a imperfeição das estatísticas oficiais**

Alguns comentários dos leitores que tenho seguido ajudaram-me orientar a minha exposição. Vários observam com toda a razão que as estatísticas oficiais do comércio externo da URSS são no mínimo imperfeitas. Alegam que não se pode fazer cálculos na sua base.

Efectivamente, as estatísticas são imperfeitas e a este propósito chamo a atenção para três aspectos.

*Em primeiro lugar*, nem todas os gastos em divisas destinados à industrialização foram reflectivos na balança comercial da URSS. Esta reflectia apenas o fluxo de mercadorias, mas não dos serviços. Todavia havia serviços pagos em divisas. Por exemplo as missões ao estrangeiro de muitos dos nossos engenheiros, de outros especialistas e colaboradores do Comissariado do Povo do Comércio Externo, para estudar a experiência de países terceiros, seleccionar máquinas, equipamentos e outras mercadorias, para negociações e assinatura de contratos.

Também havia gastos em divisas com a compra de documentação técnica, mas o principal era a remuneração do trabalho de especialistas estrangeiros que vieram para a URSS. Os seus salários e outros custos representavam incomparavelmente

mais dos que os gastos das missões ao estrangeiro dos nossos especialistas. No início dos anos 30, participaram no programa de industrialização da URSS não só quadros estrangeiros altamente qualificados (engenheiros, construtores, arquitectos), mas também simples operários.

Em 1932-1933, segundo alguns autores, vieram para a URSS cerca de 20 mil trabalhadores estrangeiros (perto de 35 mil pessoas incluindo as respectivas famílias). As modernas escavadoras e gruas eram operadas exclusivamente por operários vindos da Bélgica e da Itália, uma vez que na União Soviética simplesmente não havia trabalhadores com semelhantes qualificações. De acordo com S. Sukhobok, estes trabalhadores estrangeiros recebiam o salário em divisas provenientes de fundos não orçamentados. Deste modo, os dados dos gastos em divisas destinados à industrialização foram superiores aos indicados nas estatísticas do comércio externo.

*Em segundo lugar*, é provável que as receitas em divisas das exportações tenham sido inferiores aos números que encontramos nas estatísticas oficiais. Isto porque a balança comercial apenas reflecte os fluxos de mercadorias através das alfândegas, enquanto os fluxos monetários são registados na balança de pagamentos. Acontece que até hoje, por razões que desconheço, não foram publicados os dados da balança de pagamentos, que poderiam esclarecer muitas das nossas questões. Supõe-se que o pagamento das mercadorias exportadas era feito com grandes atrasos e que os montantes recebidos eram inferiores aos pretendidos. Havia mercadorias exportadas que iam para armazéns à consignação, mas como se vivia em crise económica, ninguém queria comprar as nossas matérias-primas mesmo por metade do preço. Assim, os dados da balança comercial são claramente superiores às receitas reais das exportações, tanto mais que em dado momento as mercadorias foram registadas nas alfândegas a preços de referência anteriores à crise.

*Em terceiro lugar*, algumas mercadorias saíam do país sem passarem pelas alfândegas, e por isso não estão reflectidas nas estatísticas. Segundo alguns autores, os bolcheviques utilizavam com frequências várias «*janelas*», «*corredores*», «*buracos*» na fronteira (por exemplo com a Estónia) para expedirem certas mercadorias, cujos proventos alimentavam fundos não orçamentados. Habitualmente são referidos objectos de arte e antiguidades retiradas de museus. Todavia considero que esta «*deficiência*» da contabilidade já tinha sido resolvida no início da industrialização. Apesar de tudo, os proventos da venda de pinturas e antiguidades estão reflectidos nas estatísticas do comércio. Assunto diferente é o facto de que, em qualquer caso, este tipo de comércio nunca teve um peso significativo. Analisemos este assunto mais em pormenor.

### **A operação «Hermitage»**

Nos nossos meios de informação e na literatura histórica designa-se por «*operação Hermitage*» a venda ao estrangeiro de pinturas, outras obras de arte e antiguidades que pertenciam a museus da URSS. Existem vários livros sobre este tema e até foram feitos filmes. A descrição mais completa desta operação é feita pelo historiador Iúri Júkov, no seu livro *Stáline: operação «Hermitage»*.

Qual foi a escala desta exportação e venda? Na altura, o partido e o governo incumbiram o Comissariado do Povo do Comércio Externo de reforçar os cofres do

Estado com 30 milhões de rublos/ouro através da venda de pinturas, antiguidades e manuscritos raros depositados nos fundos dos museus. Esta decisão inseriu-se nas tarefas da industrialização socialista.

A organização «*Antikvariat*», especialmente criada para o efeito (inicialmente adstrita ao *Gostorg* da RSSFR,<sup>1</sup> depois passou para a tutela directa do Commissariado do Povo do Comércio Externo da URSS), obteve dos fundos museológicos do Estado 2730 pinturas dos mestres de países ocidentais, que colocou à venda no estrangeiro. Porém, a crise rebentou no Ocidente e o mercado de arte caiu abruptamente. Por isso, cerca de metade dos quadros não foram vendidos, tendo regressado à URSS 1280 pinturas. Ficaram para sempre no estrangeiro, em colecções privadas e museus estatais, 1450 obras de pintores mundialmente conhecidos como Ticiano, Rembrandt, Rubens, Van Dyck, Botticelli, Rafael, Tiepolo, Velázquez, Poussin, Veronese e muitos outros.

Muitos quadros foram vendidos por metade ou mesmo um quarto do preço estimado antes da crise. Um dos principais compradores dos quadros dos museus soviéticos foi o industrial e banqueiro norte-americano, Andrew Mellon. Em 1921, Mellon ocupou o cargo de ministro das Finanças dos EUA, e foi mantido nessas funções por três presidentes até à chegada de Franklin Roosevelt à Casa Branca. Este milionário nunca entrou em contacto com a *Antikvariat*, agiu sempre por intermediários, procurando manter-se na sombra. Depois da sua morte, em 1937, legou os seus quadros à Galeria Nacional das Artes dos EUA.

Em 1929 foram vendidos 1052 objectos provenientes do Museu Hermitage, no montante de 2,2 milhões de rublos/ouro, ou seja, cerca de 1,1 milhões de dólares. O pico das vendas foi atingido em 1931, quando o produto das vendas atingiu 9,5 milhões de rublos/ouro. Com o aprofundamento da crise no Ocidente o mercado de arte acabou por se afundar completamente e, em 1932, apenas se obteve por esta via 2,8 milhões de rublos/ouro. Além de pinturas foram vendidos no estrangeiro manuscritos, moedas raras, gravuras, medalhas, loiça antiga, etc. A última grande transacção teve lugar em 1934. O Museu Britânico pagou 100 mil libras (cerca de um milhão de rublos/ouro) pelo célebre *Codex Sinaiticus*,<sup>2</sup> a mais antiga cópia do *Novo Testamento*. Como observa Iúri Júkov, por todas as obras de arte e raridades vendidas no estrangeiro ao longo de seis anos, o Commissariado do Povo do Comércio Externo obteve cerca de 25 milhões de rublos/ouro, ou seja, 12,5 milhões de dólares. Em 1937, o Escritório Nacional de Comércio «*Antikvariat*» foi extinto.

É uma evidência que as receitas da operação «*Hermitage*», comparadas com as necessidades de divisas do país, que ascendiam a centenas de milhões de dólares por ano, eram uma gota no oceano. O montante referido de 25 milhões de dólares não teria sido sequer suficiente para construir um dos gigantes industriais como a Fábrica de Tractores de Khárkov ou a Fábrica de Automóveis de Górkí.

---

<sup>1</sup> O *Gostorg* da Federação Russa (Escritório Estatal de Importação-Exportação) foi fundado em 1922, enquanto departamento do Commissariado do Comércio Externo. (N. Ed.)

<sup>2</sup> *Codex Sinaiticus* é um manuscrito em grego que remonta ao século IV, e o único que contém a versão integral do *Novo Testamento*. Foi descoberto em meados do século XIX no Egipto. (N. Ed.)

## Conclusão

A imperfeição das estatísticas oficiais do comércio externo da URSS dificulta inquestionavelmente a reconstituição do quadro completo das fontes de divisas da industrialização. No entanto, como mostrámos, as prováveis distorções apontam para que as receitas de divisas estejam sobreavaliadas e os gastos em divisas subavaliados. Ou seja, não se pode atribuir os enigmas da industrialização à imperfeição das estatísticas.

## VI

### A origem do ouro soviético

Não obstante termos afirmado logo na primeira parte que o ouro não podia ter sido a fonte essencial para a compra no estrangeiro de máquinas e equipamentos, dado que esta versão está muito consolidada, tendo adquirido o carácter de um mito, iremos analisá-la com mais pormenor. Qual a origem do ouro soviético? Há pelo menos três respostas possíveis a esta pergunta.

1. O Estado soviético ficou com as reservas de ouro herdadas da Rússia tsarista.
2. Os bolcheviques, por diferentes meios, apoderaram-se do ouro detido pela população.
3. Stáline organizou rapidamente em grande escala uma indústria de extracção de ouro.

### As reservas estatais de ouro

Examinemos a primeira variante da industrialização «*dourada*». Como já referi, na véspera da I Guerra Mundial (início de 1914) as reservas de ouro do Império Russo ascendiam a 1335 toneladas. Além disso, estavam em circulação sob a forma de moeda 355 toneladas de ouro. No início da guerra, o ouro em circulação foi imediatamente desviado para o aforro privado, e o Estado deixou de trocar papel-moeda por ouro. Uma parte das reservas de ouro saiu do país ainda durante a I Guerra, como garantia dos créditos concedidos pela Grã-Bretanha e pelos EUA (os «aliados» da *Entente*<sup>3</sup> assentaram a cooperação na luta contra o inimigo numa «*base comercial*»). O Governo Provisório [após a revolução de Fevereiro de 1917] conseguiu recuperar algum desse ouro.

No momento da conquista do poder, os bolcheviques ainda puderam dispor de uma sólida reserva de ouro, guardada nos cofres do Banco do Estado, que ascendia a cerca de 850 toneladas. Mas essa reserva começou a desaparecer a olhos vistos. Não vou alongar-me em grandes relatos. Direi apenas em traços gerais que dos

---

<sup>3</sup> *Entente* ou Tripla Entente é a designação da aliança militar constituída pela França, o Reino Unido e a Rússia imperial que se opôs na I Guerra Mundial à Tríplice Aliança constituída pelos impérios alemão e austro-húngaro e o reino da Itália. (*N. Ed.*)



cofres do Banco do Estado saiu primeiro o chamado «*ouro de Lênine*», 93,5 toneladas que foram entregues à Alemanha conforme estipulou o tratado de paz de Brest. Depois desapareceu o chamado «*ouro de Koltchak*», parte do qual regressou mais tarde ao Banco do Estado, embora 150 a 160 toneladas tenham saído para sempre do país. Seguiu-se o chamado «*ouro do Komintern*» (cerca de 200 toneladas segundo as nossas estimativas). Este ouro saiu da Rússia sob conveniente pretexto de se destinar «*à revolução mundial*». Por fim procedeu-se à entrega do «*ouro do Báltico*» (37 toneladas), o qual, segundo os acordos internacionais, era devido pela Rússia Soviética à Finlândia, Polónia, Lituânia e Letónia, que deixaram de integrar o Estado soviético.

Vale a pena a referir novamente o «*ouro das locomotivas*», que foi enviado para a Suécia, supostamente para a compra de locomotivas e material circulante (foram pelo menos 230 toneladas). Este negócio foi dirigido por Lev Trótski. Foi literalmente um negócio, uma vez que a URSS recebeu muito menos locomotivas do que estava planeado, e pagou-as realmente a «*peso de ouro*». Houve outros negócios e operações comerciais no início dos anos 20 que não irei referir aqui. O que importa é que a maior parte das reservas de ouro do Banco Estatal passou para os bancos norte-americanos, suíços e suecos. Este assunto está tratado em pormenor no meu livro «*O Ouro na Economia e Política da Rússia*».

Além disso, deve-se ter em conta que a balança comercial do Estado era deficitária, ou seja, o peso superior das importações face às exportações tinha de ser coberto com ouro do erário público. O metal precioso também desaparecia nestas operações correntes. Assim, em 1926-1927, segundo dados do Banco do Estado, foram vendidas no estrangeiro mais de 15 toneladas de ouro, no valor de 20 milhões de rublos. Em apenas três meses e meio de 1928 (de 1 janeiro a 9 de Abril), foram vendidas mais de 50 toneladas de ouro a bancos estrangeiros (*Midland* em Londres, *Reichsbank* e *Deutsche Bank* em Berlim) no valor de 68 milhões de rublos. Ao todo, no período entre 1 de Outubro de 1927 e 1 de Novembro de 1928 (13 meses), ainda segundo dados do Banco do Estado da URSS, foram vendidas 120,3 toneladas de ouro, no montante superior a 155 milhões de rublos.

Em resultado, as reservas de ouro da URSS, que ascendiam a cerca de 140 toneladas em 1925, diminuíram para 118,7 toneladas em 1926; subiram para 127,5 toneladas em 1927; para 178,6 toneladas em 1928; voltando a baixar para 138,2 toneladas em 1929.

### **O ouro da população**

Vejamos agora a segunda variante da versão «*dourada*» da industrialização, que se refere à subtracção de ouro à população através de vários expedientes.

Desde já assinalo que o ouro confiscado no início dos anos 20 pelos órgãos de segurança do Estado, mediante métodos de puro saque, no momento da industrialização há muito que tinha saído do país, através de diferentes vias e caminhos ínvios. Em 1921, e particularmente em 1922, também se levou a cabo uma campanha de confiscação de valores da Igreja, sob o pretexto da necessidade de meios para o combate à fome. Todo o património confiscado à Igreja (ouro, prata, platina, diamantes e outros objectos preciosos) calculado em prata ascendeu a



quase 8,6 mil toneladas.<sup>4</sup> É uma quantidade enorme. Porém, apenas uma pequena parte foi utilizada para combater a fome. Quase tudo saiu da fronteira e não foi para comprar trigo.

A segunda vaga de obtenção de ouro junto da população decorreu na primeira metade dos anos 30. Os métodos utilizados foram mais «civilizados». Pode-se mesmo dizer que foram «económicos» (apesar de com frequência serem acompanhados de coerção). As reservas de ouro do Estado foram reforçadas com a ajuda da rede de lojas *Torgsin*. O *Torgsin*<sup>5</sup> – Sociedade Comercial para Estrangeiros na URSS – (que existiu entre 18 de Julho de 1930 e 1 de Fevereiro de 1936), foi criado durante um período de aguda crise de divisas. Inicialmente vendia antiguidades aos turistas estrangeiros em Moscovo e Leningrado e abastecia os marinheiros estrangeiros nos portos soviéticos. Em Dezembro de 1930 a sua lista de clientes alargou-se aos estrangeiros que viviam e trabalhavam na URSS por períodos longos. Em 14 de Junho de 1931, as suas portas abriram-se aos cidadãos soviéticos, possibilitando-lhes a aquisição de mercadorias apenas em moedas de ouro cunhadas no tempo do tsarismo. No final de 1931, o governo autorizou também a compra de mercadorias contra objectos de ouro pessoais.

Entre 1932 e 1935 foram recolhidas através do *Torgsin* cerca de 98,7 toneladas de ouro. Os níveis máximos foram alcançados em 1932 (21 toneladas) e em 1933 (45 toneladas). Foi um período em que houve carência de produtos alimentares, o que levou as pessoas a desfazerem-se do ouro para obterem os produtos de que necessitavam. Assim que o abastecimento de víveres melhorou, as entregas de ouro diminuíram acentuadamente. Contando com outros materiais preciosos entregues no *Torgsin* (prata, platina, pedras preciosas e antiguidades), esta fonte forneceu aos cofres do Estado o equivalente a 150-200 toneladas de ouro (segundo diferentes estimativas).

Também a *OGPU* (Direcção Política Principal Unificada) contribuiu para reforçar as reservas de ouro do Estado, confiscando coercivamente ouro e outros valores aos «inimigos do povo». Não existem dados sobre a quantidade total de ouro confiscado pela *OGPU* e *NKVD*<sup>6</sup> (em 1934 a *OGPU* foi extinta e as suas funções transitaram para o Comissariado do Povo dos Assuntos Internos). Sabemos que em 1930, a *OGPU* entregou ao Banco do Estado objectos preciosos no valor de 10 milhões de rublos/ouro, o que equivale a quase oito toneladas de ouro puro.

Evidentemente que no quadro geral dos gastos em divisas com a industrialização, o ouro subtraído à população não tem um peso muito significativo. Todavia, em 1932-1933, em pleno pico das importações de máquinas e equipamentos, esta fonte de ouro teve um papel muito assinalável.

---

<sup>4</sup> No original a unidade usada é o *pud* (525 mil puds), que equivale a 16,38 quilogramas (N. Ed.)

<sup>5</sup> *Torgsin* é o acrónimo de *torgovlia s inostrantsami* (comércio com estrangeiros). (N. Ed.)

<sup>6</sup> *NKVD* é a abreviatura de Comissariado do Povo dos Assuntos Internos (N. Ed.)

## A extracção de ouro

Nos anos 20, a extracção de ouro na URSS estava num nível extremamente baixo. Basta dizer que, em 1913, o volume de «*metal amarelo*» extraído no império russo foi de 61,8 toneladas, em 1914 – 65,6 toneladas, e em 1916 – 70 toneladas (valor máximo atingido em toda a história do império russo).

Mas nos primeiros anos do poder soviético era raro atingir-se dez toneladas de ouro extraído. No final dos anos 20, a extracção de ouro já se levava a 30-35 toneladas por ano. Porém, foi nos anos 30 que a URSS aumentou energicamente os volumes de extracção do «*metal amarelo*». Em 1933 a produção já era de 110 toneladas, passou para 150 toneladas em 1936 e em 1939 aproximou-se do patamar das 200 toneladas.

Ainda hoje muitos documentos arquivados sobre a extracção de ouro continuam inacessíveis. Por isso apenas podemos utilizar alguns fragmentos de informações. Mas mesmo se admitirmos como estimativa uma produção média de 130 toneladas de ouro por ano, obteremos o resultado bastante razoável de 1300 toneladas extraídas ao longo da década.

Os investigadores da industrialização, ao elencarem os diferentes ramos da indústria então desenvolvidos, esquecem-se por vezes de mencionar nos seus trabalhos a indústria aurífera. Em vão. Stáline tinha toda a razão de considerar este ramo como o mais prioritário da industrialização, uma vez que poderia fornecer mais ouro do que as exportações de cereais. Mais importante que isso era o facto de se tratar de uma fonte exclusivamente interna, que não dependia da conjuntura do mercado mundial e dos ziguezagues políticos do Ocidente.

O correspondente do jornal norte-americano *New York Times*, Walter Duranty, quando entrevistou Stáline, em 25 de Dezembro de 1933, perguntou-lhe: «*Qual é a situação da extracção de ouro na URSS?*». Stáline respondeu-lhe: «*Temos muitas regiões auríferas no nosso país, e estão em rápido desenvolvimento. A nossa produção já é duas vezes superior em relação à época tsarista, proporcionando mais de 100 milhões de rublos por ano. Sobretudo nos dois últimos anos melhorámos os métodos de prospecção e encontramos grandes jazidas. Mas a nossa indústria é ainda jovem – não apenas no que respeita ao ouro, mas também na produção de ferro fundido, de aço, cobre, em toda a metalurgia – e não está por enquanto em condições de prestar a devida assistência à indústria aurífera. Temos ritmos mais rápidos de desenvolvimento, mas o volume é ainda pequeno. Poderíamos num curto espaço de tempo quadruplicar a extracção de ouro se tivéssemos mais dragas e outras máquinas.*»

Na paridade do rublo/ouro à época, o volume da extracção referido por Stáline aproximava-se em unidades físicas das 80 toneladas, admitindo a possibilidade de quadruplicar este volume, ou seja, alcançar as 300 toneladas de ouro por ano.

Naturalmente que esse nível não foi atingido, mas no final dos anos 30, em relação a 1933, a produção deste metal duplicou. Na segunda metade dos anos 30 a URSS passou a ser o segundo maior produtor mundial de ouro, à frente dos EUA e do Canadá e apenas atrás da África do Sul (neste último país a produção de ouro antes da II Guerra aproximava-se do marco das 400 toneladas anuais).

## A importância do ouro na «equação da industrialização»

Pode-se admitir que, ao longo dos anos 30, a URSS conseguiu obter de todas as fontes internas cerca de 1500 toneladas de ouro (1300 toneladas da extracção mais 200 toneladas do *Torgsin*). Todavia há razões para pensar que este ouro não foi utilizado para a industrialização, mas sim para reforçar as reservas da URSS. De acordo com as estimativas existentes, as reservas de ouro da URSS ascendiam a 2600 toneladas na véspera da II Guerra. Ora, isto é até superior à soma de todo o ouro proveniente de fontes internas ao longo de toda a década de 30. Parece haver aqui uma espécie de magia! Mas é difícil não acreditar nesta estimativa, pois ela assenta em dados retirados de livros que têm como co-autor V.V. Rudakov.

Valéri Vladímirovitch Rudakov foi no seu tempo a primeira figura do país em matéria de ouro. Foi responsável pela Reserva do Estado [*Gokhran*], pela Direcção Principal dos Metais Preciosos e Diamantes da URSS [*Glavalmazota*], ministro-adjunto das Finanças para as Questões do Ouro, etc. Mas apesar do respeito que nos merece Valéri Vladímirovitch Rudakov, penso que a estimativa atrás referida está sobreavaliada.

A única estimativa alternativa das reservas de ouro da URSS pertence ao conhecido especialista em ouro, Timothy Green. Mas esta refere-se a 1935 e aponta para 626 toneladas. Se acrescentarmos cinco anos e meio (até ao início da II Guerra) e nos basearmos numa produção média de 150 toneladas de ouro, concluímos que durante este tempo foram obtidas 825 toneladas. Admitindo que todo este ouro foi guardado nas reservas do Estado, então, aceitando a estimativa de Green, podemos calcular que, no dealbar da guerra, as reservas de ouro da URSS ascendiam a cerca de 1450 toneladas.

É também possível que as reservas de ouro tenham aumentado através de fontes externas. As exportações de cereais estão à partida excluídas, uma vez as receitas eram diminutas e eram logo utilizadas para pagar importações. Podemos evocar o ouro «*espanhol*», entregue pelos republicanos à URSS durante a Guerra Civil de Espanha. Segundo algumas fontes, em Novembro de 1936, o Ministério das Finanças da URSS recebeu 510 toneladas de ouro «*espanhol*». Mas tratava-se apenas de um depósito. Em princípio o ouro vindo de Espanha deveria ser contabilizado separadamente das reservas do Estado.

Porém, não há qualquer dúvida de que, em 1953, as reservas de ouro da URSS rondavam as 2050 toneladas (este é um número suficientemente fiável), o que em si vem confirmar que, nas vésperas da II Guerra, o seu volume era necessariamente bastante imponente. Se Stáline não tivesse um grande «*pé-de-meia*» antes da guerra, as reservas de ouro não poderiam alcançar tal dimensão nos meses que precederam a sua morte.

Por conseguinte podemos tirar as seguintes conclusões:

1. Nos anos 30, Stáline promoveu activamente a indústria aurífera no país, elevando a sua produção pelo menos para o triplo em relação ao império russo no início do século XX. A URSS tornou-se o segundo produtor mundial de ouro.

2. Stáline não utilizou ou quase não utilizou esse ouro, preferindo guardá-lo como reservas. Decerto que, considerando a guerra inevitável, Stáline encarava o ouro como o recurso estratégico mais importante que devia permanecer intocável.

São estas as conclusões paradoxais que podemos tirar com base nas fontes disponíveis. É óbvio que estas conclusões podem ser corrigidas se entretanto

surgirem novos documentos ou outras fontes. Resta-nos prosseguir a investigação sobre as fontes de divisas da industrialização, dado que a versão «*dourada*» não pode completar a «*equação da industrialização*», e veio até suscitar novas interrogações.

## VII

### Sobre os investimentos estrangeiros

É frequente encontrarmos a versão de que os investimentos estrangeiros, os créditos e empréstimos constituíram uma importante (senão mesmo a principal) fonte de financiamento da industrialização. O tema dos investimentos estrangeiros e créditos é complexo, a informação disponível é incompleta, fragmentária e nem sempre fiável.

Alguns dos nossos historiadores entendem tão pouco de economia que por vezes, trocam os pés pelas mãos. Referem factos interessantes sobre a participação de diferentes companhias ocidentais na construção de diversos objectos industriais. Essa participação consistia tanto na realização do projecto, como no fornecimento de equipamentos, na organização da supervisão de engenharia no estaleiro de construção e nos trabalhos de afinação e teste de funcionamento.

Os investigadores encaram esta participação de diferentes modos. Uns chamam-lhe «*ajuda*», outros «*investimento*», outros «*assistência*», etc. Mas tal não era «*ajuda*», «*investimento*» ou «*assistência*», mas simples negócios, nos quais as companhias ocidentais participavam como projectistas e consultores, fornecedores de máquinas e equipamentos, empreiteiros, subempreiteiros, etc. Por vezes tudo isto era incluindo num «*pacote único*». Nesses casos, a companhia era designada de «*empreiteiro geral*». Em qualquer situação as companhias ocidentais não colocavam dinheiro seu, antes ganhavam dinheiro, que era pago pelo dono da obra, ou seja o Estado soviético.

É um facto que nas vésperas da industrialização houve alguns investimentos estrangeiros, sobretudo sob a forma de concessões. As concessões distinguem-se dos habituais investimentos directos pela circunstância de que a participação do investidor estrangeiro é regulamentada num acordo específico, no qual são definidas as condições e estabelecidos os prazos da sua presença nos projectos industriais ou comerciais.

Nos anos 20, a totalidade das concessões estrangeiras não ultrapassava as 350, incluindo tanto as industriais como as comerciais. A política económica do partido e do governo visava não só a realização da industrialização, mas também a eliminação dos resquícios das relações capitalistas. Ora, as concessões eram qualificadas de capitalismo na sua variante mais perigosa (não foi em vão que logo em 1918 se procedeu à nacionalização de todas as empresas detidas por estrangeiros).

O processo de eliminação gradual das concessões estrangeiras foi iniciado após a destituição de Trótski da Direcção do Comité Principal das Concessões (*Glavkontsesskom*). Trótski dirigiu esta organização entre Maio de 1925 e Novembro de 1927). No final dos anos 20 restavam na URSS apenas 59 concessões, seis sociedades por acções e 27 «*autorizações de actividade*». O fim das concessões

estrangeiras foi determinado pelo decreto do Conselho de Comissários do Povo, de 27 de Dezembro de 1930, o qual determinou a anulação de todos os contratos de concessão (salvo algumas excepções), e a reorganização do Comité Principal das Concessões, que passou a ter funções meramente consultivas (veio a ser extinto em 1937). Em 1933 foram rescindidas todas concessões industriais (a excepção foi a concessão da *Standard Oil*, que terminou em 1934). Em meados dos anos 30 acabaram todas as concessões comerciais (com excepção da concessão dinamarquesa de telégrafo), bem como as concessões japonesas de pescas e de exploração de jazidas de carvão e petróleo no Extremo Oriente. Deste modo, os investidores estrangeiros não tiveram praticamente nenhuma participação na industrialização.

Digo mais: a própria concepção da industrialização soviética não podia sequer teoricamente pressupor a participação de investidores estrangeiros. A experiência mundial mostra que quando um país admite investidores estrangeiros, as exportações desse país começam a crescer. A questão é que os investidores estrangeiros anseiam pela recuperação dos seus investimentos, e para isso precisam de divisas que só se podem obter através da exportação. A industrialização foi um projecto de substituição de importações, e não tinha como objectivo aumentar as exportações soviéticas. Como atrás referi (parte II), em 1940 o volume das exportações soviéticas era duas vezes e meia inferior à média dos anos 1926-1928.

### **Sobre os créditos e empréstimos ao estrangeiro**

Quando alguns autores citam créditos de montantes elevados que supostamente o Ocidente nos teria concedido para a industrialização, do que se trata é de banais prazos de pagamento. Entre o fornecimento da mercadoria e a liquidação das obrigações do importador pode ser estipulado no contrato um espaço de tempo de alguns meses, sendo muito raro prazos de pagamento acima de um ou dois anos. Isto chama-se crédito comercial concedido pelo exportador. No contexto da crise, os exportadores concediam com facilidade créditos comerciais aos importadores soviéticos, procurando assim garantir o escoamento da sua produção. Na parte II deste trabalho inseri um quadro sobre o comércio externo da URSS, onde se pode ver que a União Soviética registou um défice gigantesco da sua balança comercial entre 1930 e 1932, no montante de 1554 milhões de rublos. Alguns autores referem estes números alegando que se trata de créditos que foram concedidos ao nosso país. Na realidade trata-se apenas de pagamentos aprazados, cujos valores totais eram muito superiores, embora não se encontrem reflectidos nos resultados anuais da balança comercial devido ao facto de uma parte dessas obrigações financeiras serem liquidadas ao longo do ano. A maior parte desses créditos comerciais foi liquidada nos anos seguintes graças ao saldo comercial excedentário que, entre 1933 e 1935, se cifrou em 1601 milhões de rublos.

Na realidade não houve praticamente empréstimos de longo prazo e créditos bancários para a industrialização soviética. Lembro que a partir do final dos anos 20, o mundo capitalismo mergulhou numa crise que se transformou em depressão económica e estagnação. Nestas condições obter empréstimos a longo prazo era extremamente difícil, tanto mais que a União Soviética não tinha maneira de dar as garantias correspondentes aos montantes de que necessitava. É certo que havia as

reservas de ouro já referidas, mas no tempo de Stáline o ouro não era utilizado como garantia de créditos internacionais. A propósito recordamos que durante a I Guerra Mundial, a Rússia recebeu créditos da Grã-Bretanha, mas como esta exigiu ouro como garantia, uma parte das reservas do Império Russo foi levada para território britânico. Depois da Guerra o ouro não foi devolvido à Rússia, apesar de não terem sido totalmente utilizados os créditos britânicos. Stáline não se esqueceu desta lição.

Não obstante, alguns Estados concederam créditos de curto prazo à URSS. Nomeadamente, a partir de 1934, depois do reconhecimento diplomático por Washington da União Soviética, o Banco do EUA (banco estatal) abriu linhas de crédito destinadas às exportações das companhias norte-americanas para a URSS. Este financiamento era considerado como uma ajuda às empresas norte-americanas no contexto da crise. De resto, neste período, as exportações para a URSS diminuíram substancialmente quando comparadas com o período mais activo de 1929-1931. Por isso não se deve sobrestimar o papel do Banco dos EUA no comércio com a URSS.

Houve ainda créditos concedidos pela Alemanha, nomeadamente em 1931, no montante de 300 milhões de marcos (por quatro anos), bem como em 1935, no valor de 200 milhões de marcos. Ao todo estes créditos representaram 500 milhões de marcos ou cerca de 170 milhões de dólares.

Além disso, a Grã-Bretanha, a Checoslováquia, a Itália e a Suécia também concederam créditos mais modestos (o último dos quais foi concedido em 1940).

### **A versão das divisas obtidas sob garantia de mercadorias**

Na nossa literatura é frequente encontrar-se a versão de que grande parte das divisas obtidas através da exportação na realidade não provinha da venda de mercadorias, mas de créditos bancários, os quais eram concedidos à URSS sob garantia das matérias-primas exportadas.

Este esquema está descrito numa das obras de Verkhoturov: «*Só em 1930, o Comissariado do Povo do Comércio Externo colocou no mercado mundial milhões de toneladas de mercadorias. Não era possível vender tais quantidades imediatamente, sobretudo no momento da crise económica mundial e da Grande Depressão nos EUA. Mas as mercadorias foram levadas para armazéns no estrangeiro e começaram a ser vendidas aos poucos. Mas se os representantes comerciais soviéticos contassem apenas com as receitas das vendas, o resultado dessas exportações seria diminuto. Por isso decidiram pedir créditos aos bancos, empresas e casas comerciais, dando como garantia as mercadorias armazenadas no estrangeiro. Com o crédito obtido foram comprados equipamentos que seguiram imediatamente para a URSS. O Comissariado do Povo do Comércio Externo agradeceu aos credores esta ajuda internacionalista. Passado algum tempo, os credores ficaram na posse de milhares de toneladas de carvão soviético, minério de ferro e manganês, madeira, trigo. No início dos anos 30 assistiu-se a uma vaga de bancarrotas ligadas precisamente com este tipo de operações. Os bancos que ficaram na posse do ferro de Krivorijki ou do carvão de Donetsk reberentaram como bolas de sabão.*»



Esta versão é interessante, mas duvidosa. Antes de mais porque não é concreta, não há um único exemplo «vivo». Levanta-se uma série de interrogações. Onde se situavam tais armazéns à consignação? Quem tomou a responsabilidade de exportar mercadorias para armazenamento no estrangeiro? Note-se que se tratava de uma operação arriscada: caso a mercadoria não fosse vendida, os custos de transporte e de armazenamento podiam representar avultados prejuízos. Quem assumiu a responsabilidade pelos créditos obtidos sob garantia das mercadorias? Em qualquer conjuntura económica, os credores avaliam as matérias-primas muito abaixo do seu preço de mercado. Para os representantes comerciais da URSS este esquema podia custar-lhe a cabeça. Além do mais as coisas não batem certo nesta exposição de Verkhoturov. Afirma que «em 1930, o Comissariado do Povo do Comércio Externo colocou no mercado mundial milhões de toneladas de mercadorias», começando depois a obter créditos sob garantia das mercadorias. Ora, logo no dia seguinte a 29 de Outubro de 1929 (a «quinta-feira negra»), os bancos norte-americanos passaram «à defesa». Primeiro limitaram a concessão de créditos, depois suspenderam-nos totalmente. No início de 1930 também os bancos europeus já tinham deixado de emprestar dinheiro. Recordemos que durante a recente crise financeira de 2008-2009 se tornou impossível obter créditos bancários sob quaisquer condições. Se depois da «quinta-feira negra» os bancos rebentaram como bolas de sabão, não foi pelas razões que Verkhoturov aponta. É possível que tenha havido casos isolados de utilização do esquema dos «créditos sob garantia de matérias-primas», mas duvido seriamente de que tal procedimento fosse usado em grande escala.

Não há dúvida de que foram utilizados outros esquemas e métodos exóticos de obtenção de divisas. Por exemplo o lançamento de empréstimos obrigacionistas nos EUA e na Grã-Bretanha.

No início de 1934, a União Soviética recebeu cinco milhões de dólares através de empréstimos obrigacionistas nos EUA. Já antes, em 1928, tinha sido feita uma operação deste tipo, mas de um modo semiclandestino, uma vez que nessa altura os EUA se recusavam a reconhecer diplomaticamente da URSS. As obrigações foram vendidas por intermédio de uma série de bancos norte-americanos. O emissor das obrigações não foi o Comissariado do Povo das Finanças, mas o Banco do Estado da URSS. Porém, todas estas fontes juntas proporcionaram montantes relativamente insignificantes.

Os créditos e empréstimos ao estrangeiro não tiveram uma influência decisiva na industrialização. Segundo o autor de um artigo publicado na Internet,<sup>7</sup> os créditos terão representado apenas 3,8 por cento de todos os investimentos realizados durante o primeiro quinquénio na economia nacional da URSS. Do meu ponto de vista, esta estimativa está um pouco subavaliada, porque não diferencia o rublo/divisa (ouro) do rublo interno nominal. Alguns especialistas consideram que o poder de compra do rublo nominal (que era essencialmente uma unidade monetária de valor convencional) equivalia a cerca de metade rublo/divisa. Mas mesmo tendo em conta este diferencial, o peso dos créditos estrangeiros não ultrapassou os oito por cento dos investimentos de capital, efectuados no primeiro quinquénio. Nos anos seguintes este peso foi ainda menor.

---

<sup>7</sup> <http://colonelcassad.livejournal.com/1320869.html>



## VIII

### Bloqueio em vez de ajuda

Não obstante a industrialização da URSS ter decorrido num período em que o Ocidente atravessava uma crise económica, deve-se sublinhar que o clima internacional era hostil à URSS.

O mais certo, portanto, é a industrialização se ter realizado numa situação de *bloqueio creditício*. Um obstáculo sério à obtenção de grandes créditos e empréstimos por parte de Moscovo foi a recusa dos bolcheviques de pagar as obrigações relativas à dívida contraída pelos governos tsarista e provisório. Isto foi afirmado pelos bolcheviques imediatamente após a sua chegada ao poder em 1917, posição reiterada na Conferência Internacional de Génova (Abril-Maio de 1922).

O Ocidente exigia que a União Soviética reconhecesse todas as dívidas e compromissos financeiros dos anteriores regimes da Rússia, e que assumisse a responsabilidade por todos os prejuízos relacionados com as acções tanto do poder soviético como dos governos anteriores ou das autoridades locais. O nosso país não só recusou pagamento como reclamou indemnizações financeiras pelos danos causados ao nosso país pela intervenção estrangeira e pelo bloqueio. As nossas exigências, aliás, eram duas vezes superiores às do Ocidente: 39 mil milhões rublos/ouro contra 18,5 mil milhões de rublos/ouro. É verdade que a URSS admitiu em Génova a possibilidade de discutir as dívidas dos governos tsarista e provisório, caso o Ocidente cumprisse duas condições 1) reconhecimento *de jure* da Rússia Soviética; 2) concessão de créditos ao governo do nosso país. Ambas as condições foram recusadas pelas delegações ocidentais.

Os EUA tomaram a posição mais dura e mais claramente anti-soviética. Em Março de 1934, devido à firme posição da URSS sobre a questão da dívida dos governos tsarista e provisório, o Departamento de Estado interditou a colocação de obrigações soviéticas no mercado norte-americano. A medida baseou-se na recém-aprovada Lei Johnson, que proibiu a concessão de créditos aos países não cumpridores das suas obrigações para com os EUA, relativas a créditos e empréstimos antigos. Segundo a avaliação de Washington, só os créditos do Governo Provisório ascendiam a 180 milhões dólares. Foi deste modo que a URSS caiu sob a acção da Lei Johnson.

Em Novembro de 1933, o Comissário do Povo dos Negócios Estrangeiros., Maksim Lítvinov, tinha feito uma viagem aos Estados Unidos para se encontrar com o novo presidente Franklin Roosevelt. No encontro realizado em Washington, em 16 de Novembro de 1933, foram restabelecidas as relações diplomáticas entre os EUA e a URSS. Iniciaram-se nesse momento as conversações sobre o regime de nação mais favorecida no comércio bilateral. Alcançou-se um acordo preliminar segundo o qual os EUA poderiam conceder um crédito de mil milhões de dólares à URSS. Em troca disto, Stáline estava disponível para prescindir da fórmula do Tratado de Rapallo, firmado com os alemães em 1922. A fórmula era muito simples: a recusa recíproca de exigências financeiras. Em Rapallo, a URSS até resistiu à tentação de exigir reparações de guerra à Alemanha. O Tratado de Paz de Paris de 1919 reservou este direito ao nosso país.

Em relação aos EUA, a URSS estava disposta a pagar parte da dívida dos governos tsarista e provisório em troca de crédito. Estava até disposta a abdicar das indemnizações reclamadas aos EUA pelos danos causados durante a intervenção

norte-americana. Esta disposição de fazer cedências aos EUA (reconhecimento da dívida dos governos czarista e provisório) era, naturalmente, ditada por uma situação desesperadamente difícil: faltavam divisas para a industrialização. Mas tal cedência criava um perigoso precedente: outros países poderiam também exigir o pagamento de dívidas que antes a URSS não reconhecia.

Entretanto, em Março de 1934, Washington alterou bruscamente a sua posição, recusando discutir qualquer possibilidade de concessão de crédito à URSS. Também já não queriam sequer falar do regime de nação mais favorecida. Além disso, em 1935, os EUA impuseram taxas discriminatórias ao nosso carvão e manganês.

A URSS tentou ainda obter ajuda junto da França, mas as suas diligências não tiveram eco. Não só não nos concederam crédito como recusaram conversações sobre o regime recíproco de nação mais favorecida.

Foi apenas com a Alemanha que, em 9 de Abril de 1935, se conseguiu assinar um acordo de concessão de um crédito de cinco anos no valor de 200 milhões de marcos. As condições não eram muito favoráveis, uma vez que os alemães sabiam que naquele momento não tínhamos outra alternativa.

De acordo com algumas fontes, no mesmo ano de 1935, a Alemanha terá proposto à URSS, por intermédio do presidente do *Reich Bank*, Hjalmar Schacht um crédito no montante de mil milhões de marcos. Porém, o comissário do povo dos Negócios Estrangeiros, Maksim Lítvinov, bloqueou na prática as conversações sobre este crédito, porque era um veemente opositor ao desenvolvimento das relações germano-soviéticas. Segundo o historiador Serguei Kremlev, Hitler procurava uma aproximação com a URSS para diminuir a sua dependência da oligarquia financeira ocidental, enquanto Lítvinov procurava uma aproximação com os anglo-saxónicos e franceses. O crédito de mil milhões de marcos não se concretizou devido às manobras de Lítvinov.

### **Sobre a dívida externa da URSS**

A União Soviética cumpria com rigor e pontualidade as suas obrigações relativas a créditos de curto prazo. Mesmo os inimigos mais empedernidos da URSS reconheciam que os «soviéticos» cumpriam os seus acordos e contratos irrepreensivelmente. As companhias ocidentais gostavam de trabalhar com a URSS precisamente porque sabiam que lidavam com organizações do Estado. Graças ao monopólio estatal do comércio externo e das divisas que vigorava na URSS não havia praticamente risco para as empresas ocidentais. Todos os contratos eram fechados dentro do prazo. Note-se que isto acontecia naqueles anos de crise no Ocidente, quando eram constantemente declaradas insolvências de firmas, bancos e Estados.

Lembramos que a dívida da URSS atingiu o nível máximo no final de 1931. Segundo uma fonte estrangeira<sup>8</sup> nesse momento a dívida externa representava 1,4 mil milhões de rublos/ouro. Em Outubro de 1935, o endividamento ao estrangeiro

---

<sup>8</sup> Michael Repplier Dohan, *Soviet foreign trade in the NEP economy and Soviet industrialization strategy*, Massachusetts Institute of Technology. Dept. of Economics. Thesis, 1969. (<http://dspace.mit.edu/handle/1721.1/41777#files-area>)

diminuiu para 139 milhões de rublos/ouro, e em Junho de 1936 já só havia 86 milhões de rublos/ouro em dívida. Aliás existe uma fonte ainda mais segura. Na entrevista que deu ao correspondente do *New York Times* em Moscovo, Walter Duranty, no início de 1934, Stáline afirmou que a União Soviética tinha diminuído a sua dívida de 1,4 mil milhões para 450 milhões de rublos. O facto de a dívida da União Soviética ser insignificante no final dos anos 30 é confirmado por A.G. Zverev, que liderou o Commissariado do Povo/Ministério das Finanças da URSS entre 1937 e 1960.<sup>9</sup>

Aliás, no final dos anos 30, o nosso país já estava em condições de conceder créditos. Em 1938, a URSS concedeu um crédito à Espanha de 85 milhões de dólares, que no essencial se destinava a pagar os nossos fornecimentos de armas. No Outono de 1936 o governo de Largo Caballero havia transferido as reservas de ouro de Espanha para os depósitos do Banco do Estado da URSS, que foram sendo gastas na assistência aos republicanos. No Outono de 1938, o ouro espanhol acabou-se, o que levou a URSS a conceder o referido o crédito.<sup>10</sup>

Antes da guerra a URSS contraiu alguma dívida externa, relacionada com os créditos recebidos da Alemanha, em Março de 1935, (no montante de 200 milhões de marcos), e em Agosto de 1939 (igualmente no montante de 200 milhões de marcos). Estes terão sido os créditos de mais longo prazo recebidos pela URSS nos anos 30.

O crédito de 1935 foi concedido a cinco anos, sendo que as condições eram mais vantajosas que os anteriores créditos alemães (com juros a cinco por cento em vez de seis por cento). O fornecimento de mercadorias soviéticas para amortizar o crédito devia iniciar-se no final de 1940 e manter-se até 1943.

O crédito de 1939 também foi a cinco anos, com 4,5 por cento de juros, com direito de efectuar encomendas durante dois anos. A URSS tinha direito a fazer encomendas às empresas alemãs no montante de 120 milhões de marcos, no primeiro ano e de 80 milhões de marcos, no segundo ano. O pagamento do crédito devia iniciar-se apenas em 1945. Deste modo, a maior parte destes dois últimos créditos nunca chegou a ser paga pela União Soviética. No total estes dois créditos equivaliam a 140 milhões de dólares.

---

<sup>9</sup> Arséni Grigórievitch Zverev (1900-1969), *Stáline e o Dinheiro* (em russo), ISBN: 978-5-4438-0026-4, 2012.

<sup>10</sup> Serguei Kremlov, *A Rússia e a Alemanha, o Caminho Para o Pacto*, ACT, Moscovo, 2004, ISBN: 5-17-024695-1, 5-271-09050-7, 5-9602-0439-8.